

Avaliação da Leitura à Primeira Vista no Ensino de Piano Complementar em Grupo nas Licenciaturas em Música.

Comunicação

Sérgio Inácio Torres
IA UNESP
pianista@oi.com.br

Resumo: O piano complementar em grupo teve um crescimento expressivo nos cursos de licenciatura, porém, sua consolidação não aconteceu, pela falta de formação dos professores e infraestrutura (Machado, 2016; Santos, 2013). Justifica-se essa investigação devido ao aumento da demanda nas universidades, acrescido da falta de profissionais qualificados. Nesta pesquisa, em andamento, na sua fase inicial, empregará referenciais da Cognição Musical (Ilari, 2009) e de Estilos Intelectuais (Sternberg, Wagner & Zhang, 2007) para refletir, explicar e contribuir com o desenvolvimento dessa práxis. Para tanto, será empregado o Inventário de Estilos de Pensamento-Revisado II, e a partir dessa escala será desenvolvido um novo instrumento, com o qual, caso validado, pretende responder à seguinte pergunta: - É possível mensurar objetivamente, pelo viés cognitivo, a leitura à primeira vista de estudantes de piano complementar em grupo? O objetivo é compreender cognitivamente a avaliação da leitura à primeira vista no piano complementar. Esta é uma pesquisa quantitativa com licenciandos em música de universidades paranaenses e paulistas. Por meio do teste “Inventário de Estilos de Pensamento-Revisado II/TSI-R2” serão elencado os padrões cognitivos de processamento dos discentes e suas preferências intelectuais. Após a análise e tratamento dos elementos, teremos um panorama de como os estudantes se comportam cognitivamente. Isso fornecerá suporte para elaboração e posterior validação de uma escala psicométrica para avaliação da Leitura à primeira Vista no Piano Complementar.

Palavras-chave: avaliação musical, cognição musical, piano em grupo

Introdução

A leitura à primeira vista é prática funcional do ensino do piano complementar brasileiro, em grupo e tem apresentado um crescimento no ensino superior, nos cursos de licenciatura em música (SANTOS, 2013; REINOSO, 2012). Porém a falta de estrutura e formação dos professores no ensino coletivo, contribuíram para o não fortalecimento do ensino de Piano Complementar, em grupo, no país (MACHADO, 2016; SANTOS, 2013). O aumento da demanda nas universidades, acrescido da falta de profissionais qualificados,

mostra a importância de se ampliar as pesquisas nessa área, a fim de avançar nas reflexões teóricas bem como suas aplicações práticas. Frequentemente, muitos licenciandos que cumprem a disciplina de Piano Complementar, não têm o piano como instrumento principal, mas o utilizam como ferramenta de trabalho ou estudos relacionados à sua graduação (CORVISIER, 2008; MONTANDON, 2009, 2007; GONÇALVES, 2007).

Diante desse contexto complexo: universidades sem laboratórios de piano em grupo, professores sem treinamento para o ensino coletivo e a falta de metodologias para a realidade brasileira, é necessária para a pesquisa nesta área, a interface com outros campos do conhecimento musical como a Cognição Musical, que se configura relevante para refletir, explicar e contribuir com essa práxis. O processo de desenvolvimento cognitivo discente é parte integrante do aprendizado musical, que no ensino de piano em grupo, permeia o desenvolvimento sensório motor, o uso de estratégias para leitura musical e demais competências.

Segundo Ilari, (2009, p. 29) “a cognição musical vem sendo definida como uma área de natureza interdisciplinar que tem por objetivos compreender os processos mentais que sustentam uma vasta gama de comportamentos musicais como a performance e a criação, entre outros”. Corroborando esse pensamento, Gruhn e Rauscher (2006) argumenta que a Cognição pode ser vista como resultado de um processo de representações mentais que são ativadas por estímulos. Nessa pesquisa, o escopo tem o seu recorte voltado para a avaliação da leitura à primeira vista por meio do viés cognitivo.

“A leitura à primeira vista é uma habilidade necessária para todos os alunos em programas de graduação e pós-graduação; para atividades como acompanhamento ao piano, música de câmara e outras práticas de conjunto (BORTZ, GERMANO; COGO-MOREIRA, 2018 p. 1)”. No ensino de piano complementar nas universidades, a maior parte dos métodos utilizados tem esta habilidade trabalhada progressivamente. O professor propõe estratégias para que os alunos executem trechos musicais à primeira vista com maior assertividade. De acordo com Lehmann e Macarthur (2002, p. 135) “A percepção (decodificação de padrões), a cinestesia (execução de programas motores), a memória (reconhecimento de padrões), e a habilidade para resolução de problemas (improvisação e suposições) são, portanto, capacidades englobadas pela leitura à primeira vista”.

Posto que a leitura à primeira vista faz parte da prática pianística e do ensino coletivo nas graduações em música, a avaliação dos alunos em leitura musical configura-se um campo de estudo importante. A avaliação em Música é um dos temas mais discutidos na atualidade devido as suas vertentes. De um lado estão aqueles que rejeitam as mensurações, testes de avaliação, alegando que são excludentes e renegam a subjetividade da prática musical. Por outro prisma, as avaliações aplicadas por meio de testes padronizados foram amplamente difundidas desde a década de 1960 até os dias de hoje, consolidada principalmente nos Estados Unidos (MENEZES, 2010). Essa pesquisa tratará a avaliação da leitura à primeira vista no piano em grupo objetivamente. Para fortalecer esse fio condutor, Costa e Barbosa, (2015, p. 135) sustentam que:

A ausência de critérios objetivos pode tornar a avaliação do fazer musical numa tarefa demasiado subjetiva ou até arbitrária com evidentes prejuízos para o processo de ensino-aprendizagem. Esta subjetividade, mais presente no reconhecimento das qualidades musicais do que na definição das mesmas, faz com que os julgamentos daqueles que avaliam a performance musical dos alunos sejam muitas vezes inconsistentes.

Nessa busca de compreensão, podemos elencar a pesquisa sobre a avaliação da leitura à primeira vista, no piano complementar em grupo, de forma objetiva pelo viés cognitivo uma contribuição pertinente e para a área da música tem sua originalidade no Brasil, sabendo que por meio dos processos avaliatórios pode-se: avaliar o progresso do aluno; motivá-lo; ajudar a melhorar as estratégias dos professores; coletar dados para uso em pesquisas, gerando conhecimento para orientar outras situações de avaliação baseadas em sistemas semelhantes (HENTSCHE, SOUZA 2003). Para tanto, será empregado o Inventário de Estilos de Pensamento-Revisado (STERNBERG, WAGNER; ZHANG, 2007) e a partir dessa escala será desenvolvido um novo instrumento.

O Inventário de Estilos de Pensamento-Revisado é um teste que, quando adotado, mostra os “estilos intelectuais” do aluno. Esse termo, “estilos intelectuais” foi proposto por Zhang e Sternberg em 2005 para se referir às particularidades cognitivas e intelectuais que os estudantes empregam no processo das informações. Essa escala pré-existente será aplicada para estudar os processos cognitivos que ocorrem nas fases anteriores a execução da leitura à primeira vista dos graduandos em licenciatura em música no piano

complementar: estudo individual, participação nas aulas e as estratégias que utilizadas antes de executar a leitura musical. A partir dos resultados e análises deste teste será desenvolvida e testada uma nova escala (um novo instrumento), específico para leitura à primeira vista no ensino de piano complementar em grupo, que, após validação pretende responder a seguinte pergunta:- É possível mensurar objetivamente pelo viés cognitivo, a leitura à primeira vista de estudantes de piano complementar em grupo?

O objetivo geral desta pesquisa em andamento é compreender cognitivamente a avaliação da leitura à primeira vista no piano complementar em grupo, tendo como objetivos específicos: a) Levantar as estratégias empregadas pré-leitura à primeira vista; b) Identificar os “Estilos Intelectuais” que norteiam esses estudantes; c) Investigar por meio da aplicação do Inventário de Estilos de Pensamento-Revisado subsídios para a criação de uma escala psicométrica específica como novo instrumento. d) Buscar evidências de validade para a amostra com alunos de piano em grupo.

A pesquisa no âmbito da prática do piano complementar em grupo nas licenciaturas em música oferece suporte para a disciplina nas universidades brasileiras, frente à crescente demanda de alunos. Para isso, necessita de novas ferramentas. Os fatores otimizadores são: a potencialização de espaço físico; a ampliação do número de vagas para os alunos e a possibilidade do desenvolvimento musical e cognitivo, por meio de uma prática coletiva (MACHADO, 2016; ROCHA, 2016). Além da socialização e melhora do aprendizado conforme argumenta Wristen (2006, p. 391)

Adultos que estudam piano em grupo têm muitas vantagens em comparação com aqueles que têm com professor particular. Myers (1990) relatou que as avaliações dos alunos com relação ao seu nível de habilidade musical, melhoraram significativamente, como resultado dos seus estudos em uma configuração baseada em habilidades de classe. Os alunos mais adiantados servem para motivar o resto do grupo. Os alunos principiantes são encorajados quando veem o progresso daqueles. Há um entusiasmo que se constrói a partir de uma classe na qual todos os participantes estão envolvidos. Os alunos estão dispostos a ir além de suas zonas de conforto e tentar algo que todos os outros membros do grupo irão fazê-lo com eles. Tocando em grupo também é reforçado o senso de pulsação rítmica.

De acordo com pesquisas e os métodos de piano coletivo disponíveis para universitários, entre as habilidades trabalhadas neste ensino temos: (1) usar o piano como ferramenta em atividades envolvendo composição, (2) acompanhar peças simples, (3)

transpor músicas para outras tonalidades, (4) ler à primeira vista, (5) improvisação, e (6) fazer redução de partituras de outros gêneros ao piano bem como prática de conjunto. Ao recortarmos tais funcionalidades, optou-se por destacar a leitura à primeira vista nas aulas de piano em grupo por ser utilizada amplamente em classe e nas avaliações.

A respeito da leitura à primeira vista pode-se dizer que é um processo neurofisiológico que depende de vários fatores, tais como sua formação, ou seja, conhecimentos adquiridos em teoria musical, harmonia e análise, habilidades desenvolvidas na técnica do instrumento e a familiaridade com o repertório que está lendo, além do estado físico-emocional em que se encontra no momento da leitura – que pode influenciar em seu raciocínio e sua concentração (COSTA, 2011, p. 12)

Devido a todos esses componentes cognitivos que envolvem a realização da leitura à primeira vista, a criação de um instrumento de avaliação a partir de uma escala cognitiva já existente abre a possibilidade de mensurar objetivamente uma prática musical posta. A prática do piano complementar em grupo é funcional e está de acordo com o currículo tecnológico (SACRISTÁN, 2013), consiste na transmissão de conhecimentos, comportamentos éticos, práticas sociais e habilidades que propiciem o controle do grupo. O comportamento e aprendizado são moldados pelo professor. Para isso, esse currículo é fundamentado no método, na execução eficiente, afim de alcançar resultados pré-determinados. Portanto a proposta de criação de instrumento avaliatório nesta pesquisa é condizente. Nesta pesquisa, o referencial teórico será delineado, principalmente, a partir dos autores da Cognição Musical: Sloboda 2008, 2007, 2005; Ilari 2009, 2006; Estilos Intelectuais: Oliveira, Trassi; Santos, 2017; Messick, 1987; Santos, Sisto; Martins, 2003; Zhang & Cheng , 2014; Inácio, 2016; Zhang, 2012; Zhang; Sternberg, 2005, e Leitura à primeira vista/performance: Hodges, 1992; Leehman; McArthur, 2002; Marques, 2012; Young, 2010; Saxon, 2009; Thompson; Lehmann, 2004; Lehmann ; Ericsson, 1993; Pike, 2011, que fornecem o arcabouço teórico.

Considera-se relevante o papel do professor em instrumentalizar as estratégias de ensino, por meio do uso amplo e diversificado destas, possibilitando ao estudante compreender e construir o conhecimento, atendendo às especificidades dos alunos. Esta ação docente é significativa e crucial a fim de que os educandos possam engajar-se na própria aprendizagem. Para tanto, o professor organiza suas aulas (planejamentos,

estratégias de ação, objetivos específicos) além de opinar, trocar informações e avaliar afim de buscar alternativas para resolver os desafios da formação profissional (MOREIRA, 2015).

Estilos Intelectuais

O termo estilo intelectual foi proposto por Zhang e Sternberg em 2005, para se referir às particularidades cognitivas e habituais com que os estudantes processam as informações (OLIVEIRA, TRASSI; SANTOS, 2017). Para compreender melhor as estratégias de aprendizagem usadas pelos discentes, é importante observar o estilo intelectual dos estudantes. Assimilar as diferenças entre as habilidades e os estilos intelectuais, tornado possível encontrar explicações para situações de fracasso e a possibilidade de realizar novas intervenções nessas situações (OLIVEIRA, TRASSI; SANTOS, 2017).

Os estilos intelectuais podem ser considerados como os diferentes padrões de processamento, preferidos pelos estudantes, para empregar no decorrer do preparo da informação na aprendizagem. Cada pessoa tem um modo específico de organização cognitiva para receber e processar as informações novas e construir conhecimento (MESSICK, 1984; SANTOS, SISTO; MARTINS, 2003; ZHANG; CHENG, 2014). Este conceito foi formulado por Zhang e Sternberg (2005) dentro da perspectiva da teoria do Autogoverno Mental. Esta teoria não busca identificar e classificar individualmente o estilo intelectual de cada estudante, e sim visa classificar os modelos individuais de estilo em dimensões e também em tipos que contemplam características específicas (Oliveira, Trassi; Santos, 2017; Inácio, 2016; Zhang; Cheng, 2014; Zhang, 2012; Zhang; Sternberg, 2005). Diversas particularidades que envolvem as pessoas influenciam em seus estilos intelectuais, pois estes são compostos por segmentos distintos - o fisiológico, o psicológico e o sociológico. As pessoas costumam ter acesso às práticas mais difundidas em seu meio social, isso também ocorre quando se trata da aprendizagem (ZHANG; STERNBERG, 2005). Considera-se também que não existe estilo intelectual “bom” ou “ruim”, mas tem se destacado o fato de que alguns estilos acabam sendo mais eficazes, quando são comparados a outros, em determinados contextos de estudos (ZHANG; CHENG, 2014; ZHANG, 2015; OLIVEIRA, TRASSI; SANTOS, 2017). De acordo com Zhang, L. F.; Sternberg, R. J. (2005, p.11):

A teoria do autogoverno mental pode ser vista como um modelo geral de estilos não só porque a teoria pode ser aplicada a várias configurações acadêmicas e não acadêmicas, mas também porque abrange todas as três tradições no estudo de estilos. Os estilos dessa teoria são cognitivos em sua maneira de ver as coisas (por exemplo, estilo judicial, estilo global e assim por diante) e correspondem a preferências no uso de habilidades. Os estilos são referentes ao desempenho típico, em vez de desempenho máximo. Portanto, eles se assemelham à tradição centrada na personalidade. Finalmente, os estilos se assemelham à tradição centrada na atividade, na medida em que podem ser medidos no contexto de atividades em andamento.

Sternberg (1994, 1997) defende que, assim como há formas de governar uma sociedade, existem muitas maneiras de administrar nossas atividades, o que pode ser denominado como estilo intelectual. Nesta perspectiva teórica são descritos treze estilos que estão distribuídos em cinco dimensões, sendo elas: três funções (legislativo, executivo e judiciário), quatro formas (monárquico, hierárquico, oligárquico e anárquico), dois níveis (global e local), dois espaços (interno e externo) e duas tendências ou inclinações de governo (conservador e liberal).

Procedimentos metodológicos

Pretende-se realizar a pesquisa com pelo menos 500 alunos – total de discentes matriculados, nos cursos de Licenciatura em Música de universidades públicas paranaenses e paulistas por terem estilos diversificados da prática de piano em grupo. Com uma amostra de 210 alunos, este número é estimado a partir do fato de que nem todos os alunos matriculados em Licenciatura em Música que participarão do levantamento estudam piano complementar em grupo.

Instrumento pré-existente

1) O Inventário de Estilos de Pensamento-Revisado II/TSI-R2 (STERNBERG, WAGNER; ZHANG, 2007) é um teste de aplicação individual ou coletiva que avalia os estilos intelectuais. A escala é composta de 65 itens que avaliam os 13 estilos classificados em três tipos. As questões estão dispostas em uma escala Likert com as seguintes opções: “De jeito nenhum” (1 ponto), “Não muito bem” (2 pontos), “Um pouco” (3 pontos), “Bem de alguma

forma” (4 pontos), “Bem” (5 pontos), “Muito Bem” (6 pontos) e “Extremamente bem” (7 pontos).

Este instrumento irá levantar quais são os padrões cognitivos de processamento, quando o indivíduo se depara com novas informações, a partir das habilidades cognitivas, a forma de organização de dados pelos estudantes pesquisados e suas preferências intelectuais. Após a análise e tratamento dos elementos desse inventário o pesquisador terá um panorama de como os estudantes se comportam cognitivamente no enfrentamento com novas informações. Este panorama irá sintetizar principalmente as etapas de estratégias empregadas por cada discente nas etapas anteriores ao momento da leitura à primeira vista.

Etapas de criação de um novo instrumento

Nesta pesquisa, os princípios da criação de um instrumento serão divididos em procedimentos: teóricos, empíricos e analíticos (estatísticos analítico-interpretativos). Contudo, existem procedimentos para operacionalização (REPPOLD, GURGEL; HUTZ, 2014). No caso deste estudo será descrita somente a primeira etapa que consiste nos procedimentos teóricos, elaboração dos itens e evidências de validade baseadas no conteúdo. Isto pode ser determinado pelas indicações da literatura, por entrevistas e pela análise documental. Em seguida, definem-se as dimensões do teste, em termos constitutivos operacionais, bem como elaboração dos itens. Para tanto, é comum a realização de entrevistas com profissionais, sobre a fenomenologia do construto, e com a população-alvo; levantamento dos instrumentos disponíveis que o avaliavam e verificação dos dados obtidos de forma a relatar dificuldades de ajustamento.

Com relação às evidências de validade baseadas no conteúdo propriamente dito, pode-se dizer que esse processo objetiva determinar se os itens elaborados são adequados teoricamente e se algum dos fatores do atributo coberto pelo teste é super ou sub-representado no instrumento pelo viés do pesquisador. Essa análise teórica dos itens é realizada por juízes e inclui uma análise semântica dos itens (REPPOLD, GURGEL ; HUTZ, 2014 p.308).

Para a análise são necessários, no mínimo, dois juízes peritos para a versão preliminar dos instrumentos. Após a versão preliminar será elaborada uma escala que passará pelo processo de validação. Na esfera da pesquisa científica, é essencial, após a elaboração de critérios, que estes possam ser testados com o intuito de fundamentar e prover evidências acerca do modelo teórico em questão. É a partir deste estudo que o modelo pode ser rejeitado ou não, tornando possível o seu aperfeiçoamento. Todavia, a reflexão sobre os critérios de avaliação envolvidos na leitura à primeira vista do Ensino de Piano Complementar em grupo nas universidades, e sua testagem até hoje não recebeu a devida atenção por parte dos professores dedicados ao assunto. Por essa razão, o objetivo deste trabalho será compreender cognitivamente a avaliação da leitura à primeira vista no piano complementar em grupo, e apontar os estilos intelectuais que compõem essa habilidade. As questões aqui apontadas serão testadas e analisadas com embasamento psicométrico e estatístico. Os testes serão realizados por meio de avaliações individuais, mediante de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com autorização prévia do diretor e dos professores de cada instituição. Todo o procedimento será submetido ao Comitê de Ética na Plataforma Brasil e os dados coletados serão estatisticamente analisados em softwares específicos.

Considerações Finais

Esta pesquisa, em fase inicial, em andamento, por meio de um viés cognitivo, visa classificar os modelos individuais de estilos intelectuais, nas suas dimensões, e, também, em tipos que contemplam características específicas. Ambos os aspectos, provavelmente comuns aos estudantes de piano complementar em grupo, nas Licenciaturas em Música. A partir disso, um novo instrumento será criado, a fim de avaliar a leitura à primeira vista dos discentes. Até o presente momento, não foi possível aferir resultados expressivos.

Referências

BORTZ, Graziela; GERMANO, Nayara; COGO-MOREIRA, Hugo. (Dis)agreement on sight-singing assessment of undergraduate musicians. *Frontiers in Psychology*, Switzerland, v. 9, p. 1-9, 2018.

CORVISIER, Fátima Graça Monteiro. Uma nova perspectiva para a disciplina piano complementar. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO, 18., 2008, Salvador. Anais [...].* Salvador: UFBA, 2008. p. 191-194.

COSTA, Carlos H.; AGUIAR, Adriana. Piano em grupo: metodologia contextualizada ao Brasil. *In: CONGRESSO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 8., 2008, Brasília. Anais [...].* Brasília: ABEM, 2008.

COSTA, José Francisco. **Leitura à primeira-vista na formação do pianista colaborador a partir de uma abordagem qualitativa.** 2011. Tese (Doutorado em música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

COSTA, Maria Clara; BARBOSA, Jaime Filipe. Avaliação da performance instrumental pelos professores de trompete: questões e desafios. *Per Musi*, Belo Horizonte, v. 31, p. 134-148, 2015.

CRONBACH, Lee. **Fundamentos da testagem psicológica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GONÇALVES, Maria Lourdes Junqueira. **Ensino de piano em grupo no Brasil.** 2007. Disponível em: www.pianoemgrupo.mus.br/figuras_pioneiras.htm. Acesso em: 17 set. 2017.

GRUHN, Wilfried; RAUSCHER, Frances. Cognição Musical. *In: COLWELL, Richard (ed.). Menc Handbook of Musical Cognition and Development.* 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2006. cap. The Neurobiology of Music Cognition and Learning, p. 40-71.

HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jussara Vieira. Apresentação. *In: HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jussara Vieira (org.). Avaliação em música: reflexões e práticas.* São Paulo: Moderna, 2003.

HODGES, Donald A. The acquisition of music-reading skills. *In: COLWELL, Richard (ed.). Handbook of research in music teaching and learning.* New York: Schirmer Books, 1992. p. 466-471.

ILARI, Beatriz Senoi (org.). **Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música: da percepção à produção.** Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

ILARI, Beatriz Senoi; ARAÚJO, Roseane Cardoso (org.). **Mentes em música.** Curitiba: Editora da UFPR, 2009.

INÁCIO, Francislaine Flâmia. **Memória, estilos intelectuais, estratégias de aprendizagem: estudando os transtornos do neurodesenvolvimento em alunos do ensino fundamental e percepção de seus professores.** 2016. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

LEHMANN, Andreas C.; ERICSSON, Karl A. Sight-reading ability of expert pianists in the context of piano accompanying. *Psychomusicology*, United States, v. 12, n. 2, p. 182-195, 1993.

LEHMANN, Andreas C.; MCARTHUR, Victoria. Sight-Reading. *In: PARNCUTT, Richard; MCPHERSON, Gary. The science & psychology of music performance.* New York: Oxford University Press, 2002. p. 135-150.

MACHADO, Simone Gorete. A presença do piano em grupo em instituições de ensino superior no Brasil. *Revista Orfeu*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 134-155, jan./jun. 2016.

MARQUES, Valéria Cristina. **Análise dos desvios de leitura**: o que ela pode revelar sobre estratégias de leitura à primeira vista ao piano. 2012. Tese (Doutorado em música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MENEZES, Mara Pinheiro. **Avaliação em música**: um estudo sobre o relato das práticas avaliativas de uma amostra de professores de música em quatro contextos de ensino em Salvador. 2010. Tese (Doutorado em música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MESSICK, Samuel. The nature of cognitive style: problems and promise in educational practice. **Educational Psychologist**, Hillsdale, NJ, v. 19, p. 59-74, 1984.

MONTANDON, Maria Isabel. **Aula de piano em grupo**: uma análise do movimento para implantação do ensino de piano em grupo nos Estados Unidos. 2005. Disponível em: <http://www.arte.unb.br/tonica/isabel.html>. Acesso em: 12 nov. 2007.

MONTANDON, Maria Isabel. Piano suplementar: função e materiais. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 4., 2004, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2004. Disponível em: <http://www.musica.ufg.br/mestrado/anais/anais%20IV%20Sempem/anais%20capa%204%20sem%20pem.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2009.

MOREIRA, Ana Elisa da Costa. O papel docente na seleção das estratégias de ensino. *In*: SEMANA DA EDUCAÇÃO DESAFIOS ATUAIS PARA A EDUCAÇÃO, 16., 2015, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.

MYERS, David E. Musical self-efficacy among older adults and elementary education majors in sequential music learning programs. **Southeastern Journal of Music Education**, United States, v. 2, p. 195-202, 1990.

OLIVEIRA, Katya Luciane; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli; SCACCHETTI, Fabio Alexandre Pereira. Medida de estilos de aprendizagem para o ensino fundamental. **Psicologia Escolar Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 127-136, abr. 2016.

OLIVEIRA, Katya Luciane; TRASSI, Angélica Polvani; INÁCIO, Amanda Lays Monteiro; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Estilos de aprendizagem e condições de estudo de alunos de psicologia. **Psicologia Ensino & Formação**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 31-39, 2016.

OLIVEIRA, Katya Luciane; TRASSI, Angélica Polvani; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Estilos intelectuais: revisitando e atualizando conceitos. *In*: MARTINELLI, Selma de Cássia; FERNANDEZ, Débora Cecilio (org.). **Aprendizagem escolar na contemporaneidade**. Curitiba: Editora Juruá, 2017. p. 64-77.

PASQUALLI, Luiz. **Instrumentos psicológicos**: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM IBAPP, 1999.

PIKE, Pamela D. Score perception and performance at the piano: in evaluation of the score perception and performance at the piano: an evaluation of the effectiveness of cognitive chunking strategies and motor skill development among beginning group piano music majors. **Problems in Music Pedagogy**, Daugavpils, v. 8, p. 41-47, jun. 2011.

REINOSO, Ana Paula Teixeira. **O ensino de piano em grupo em universidades brasileiras**. 2012. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

REPPOLD, Caroline Tozzi; GURGEL, Léia Gonçalves; HUTZ, Claudio Simon. O processo de construção de escalas psicométricas. **Avaliação em psicologia**, Itatiba, v. 13, n. 2, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-4712014000200018. Acesso em: 1 jul. 2018.

ROCHA, José Leandro Silva. **Aprendizagem criativa de piano em grupo**. São Paulo: Blucher, 2016.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas do currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli; SISTO, Fermino Fernandes; MARTINS, Rosana Maria Mohallem. Estilos cognitivos e personalidade: um estudo exploratório de evidências de validade. *Psico-USF, Bragança Paulista, SP*, v. 8, p. 11-20, 2003.

SANTOS, Rogério Lourenço. **Uma proposta de método para ensino de piano em grupo destinado ao curso de piano complementar nas universidades brasileiras**. 2013. Tese (Doutorado em Processos de Criação Musical) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SAXON, Kenneth. The science of sight reading. *The American Music Teacher*, United States, v. 58, n. 6, p. 22-50, jun./jul. 2009.

SLOBODA, John A (ed.). **Generative processes in music: the psychology of performance, improvisation, and composition**. Oxford: Clarendon Press, 2005.

SLOBODA, J. A.; LEHMANN, A. C.; WOODY, R. H. **Psychology for musicians: understanding and acquiring the skills**. Oxford University Press, 2007.

SLOBODA, John A. **A mente musical: a psicologia cognitiva da música**. Londrina: Eduel, 2008.

STERNBERG, Robert J.; WAGNER, Richard K.; ZHANG, Li-Fang. **Thinking styles inventory-revised II**. Bethesda: Tufts University, 2007.

STERNBERG, Robert J.berg, R. J. **Thinking Styles**. New York: Cambridge University Press, 1997

STERNBERG, Robert J. Thinking styles: Theory and assessment at the interface between intelligence and personality. In Sternberg, R. J., and Ruzgis, P. (eds.), **Intelligence and Personality**, Cambridge University Press, NewYork, pp. 169–187, 1994.

TRASSI, Angélica Polvani; OLIVEIRA, Katya Luciane. Estilos intelectuais: revisitando e atualizando conceitos. In: MARTINELLI, Selma de Cássia; FERNANDES, Débora Cecilio. **Aprendizagem escolar na contemporaneidade**. Curitiba: Juruá, 2017. p. 64-77.

WILLIAMON, Aaron. **Musical excellence: strategies and techniques to enhance performance**. Oxford: Oxford Press, 2004.

WRISTEN, Brenda. Demographics and motivation of adult group piano students. **Music Education Research**, London, v. 8, n. 3, p. 387-406, nov. 2006. Disponível em: <http://www.informaworld.com/smpp/content~db=~content=a757732689>. Acesso em: 15 ago. 2018.

YOUNG, Margaret Mary. Authentic assessments in group piano class: the effect on performance skills and attitudes. **MTNA e-Juornal**, Cincinnati, v. 4, n. 4, p. 14-28, apr. 2013.

YOUNG, Margaret Mary. **The use of functional piano skills by selected professional musicians and its implications for group piano curricula**. 2010. Thesis (Doctor of Musical Arts) - Faculty of the Graduate School, University of Texas at Austin, Austin, 2010.

ZHANG, Li-fang. **The malleability of intellectual styles**. Cambridge: Cambridge University, 2015.

ZHANG, Li-fang; CHENG, Sanyin. Validating the thinking styles inventory-revised II among chinese University students with hearing impairment through test Accommodations. **American Annals of the Deaf**, United States, v. 159, n. 1, p. 22-33, 2014.

ZHANG, Li-fang; STENBERG, Robert J. A threefold model of intellectual styles. **Educational Psychology Review**, New York, v. 17, p. 1-53, 2005.

ZHANG, Li-fang; STENBERG, Robert J. **The nature of intellectual styles**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2006.

ZHANG, Li-fang; STENBERG, Robert J.; RAYNER, Stephen. **Handbook of intellectual styles: preferences in cognition, learning, and thinking**. New York: Springer Publishing Company, 2012.